

A IMPRENSA.

ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL.

REDACTORES: BACHAREL DEOLINDO MENDES DA SILVA MOURA E DAVID MOREIRA CALDAS.

Publica-se uma vez por semana. Assigna-se a 10.000 por anno, 5.000 por semestre, 4.500 por trimestre; numero a visão 240 reis. Em suas publicações pedidas, os assignantes terão até 25 linhas gratis, e o resto como se convenienciar; as publicações dos que não forem assignantes serão precientemente ajustadas. Toda a correspondencia deve ser dirigida aos redactores; devendo vir legitimamente responsabilisados—por seu autor—os escriptos de assumpto particular.

Paraná, 19 de Setembro de 1869.

N.º 217

A IMPRENSA.

13 DE SETEMBRO DE 1869.

Em seguida publicamos a um nosso amigo o Sr. Dr. Lourenço Figueiredo, acompanhado de documentos: cuja publicação só nos foi solicitada.

As paginas de nossa gazeta estando sempre promptas para defesa de qualquer pessoa que seja offendida em seus direitos com maioria de razão estão sempre preparadas para a defeza de nossos amigos, de aquelles que commungando as mesmas crengas estão por isso sujeitos aos caprichos e violencias dos dominadores do Brasil.

Eis o escripto.

O Juiz municipal de Picos e o Sr. coronel Clementino de Sousa Martins

Fazenda Pé do Morro, 31 de março de 1869.

I.

Estava no proposito deliberado de não mais voltar á imprensa para tratar do facto praticado pelo Sr. coronel Clementino de Sousa Martins em 17 de novembro do anno passado, na villa dos Picos, e do qual fui victima incauta; e nem me affastaria d'elle se não fosse a leitura de uma sua correspondencia escripta por não ingrata e polluta que se encontra inserta no n.º 63 do *Piauí* de 20 de fevereiro preterito.

Esse escripto que eu deixaria sem resposta, se tivesse de correr somente nesta provincia, aonde o Sr. coronel Clementino é vantajosamente conhecido, é a sentença condemnatoria de seu nefando e criminoso procedimento, assignada por sua propria mão.

Ahi de envolta com a confissão de seu crime vem o ridiculo grosseiro, a injuria e a degradante calumnia, que são o veneno corrosivo de que sóe impregnar os seus bofes de maldizento.

No afanoso empenho de ferir-me na reputação, assim como ferio-me physico, atira-se á torto e á direito hydrophobicamente a morder a todos que encontra na sua carreira desesperada.

E' assim, que logo no começo de sua correspondencia, fere aos redactores da *Imprensa*, aos quaes chama de—meus agentes, que a meu mandado publicão contra elle os maiores improperios.

E' assim que penetra no sagrado de minha familia, que o despreza como asqueroso reptil, e de punhal em punho rasga-lhe a honra na praça publica, no meio da turba desenfreada de scleratos, seus satellites.

Na provincia e fóra della são conhecidos aquelles athletas, que na arena do jornalismo se batem tão brillantemente, e cujas reputações não podem ser empuçadas pela torpe insinuação de um reconhecido faccinora.

São homens independentes, que estigmatizam a protecção desmesurada dada ao crime pelas autoridades; ás quaes corria o dever de punil-o, e censurão a marcha tortuosa que levão os publicos negocios deste pobre Brasil. Não são por conseguinte meus agentes, que a meu mandado escrevão improperios contra o Sr. coronel Clementino.

Pelo que toca á minha familia, o Sr. coronel Clementino deve lembrar-se de que tem mulher e filhas, e de que ellas não são

sagradas e inviolaveis, para não serem atingidas pelo dente viperino da calumnia. E se considerações sociaes, moraes e religiosas não lhe tem embargado o passo ante o umbral sagrado do santuario das familias alheias, sirva-lhe ao menos de paradeiro o receio do descalabro da honra desses entes, aos quaes S. S. naturalmente deve amar.

Não sou o unico, a quem S. S. tem offendido profundamente e a quem continua a offender, e se pela compaixão que me inspira, lhe tenho votado a um completo e inteiro esquecimento, não se segue que outro tanto fação os demais.

S. S. não conseguirá jamais deslocar-me das raias traçadas a todo o homem bem formado; são baldados seus pujantes esforços para arrastar-me a seu nivel.

E nem se persuada que hei de entreter uma polemica jornalística com S. S. que, qual outro Ashaveru, cumpre um tremendo castigo.

Defendo-me perante a opinião publica, que respeito, e ante a qual, sem fugir a responsabilidade dos meus actos, não receio de comparecer.

Permitta-me o leitor transcrever aqui um trecho de um folheto, que em 1855 publicou o fallecido Visconde da Parnahyba.

« Aggredido por minha filha D. Maria Josefa Clementina de Sousa Martins, e outros parentes, em uma petição ac juiz de orfãos desta cidade, e publicado no Semanario n.º 10 de 15 de dezembro do anno passado, vou defender-me

« A petição a que alludo, allega que as minhas faculdades intellectuaes estão desanrajadas, e que estou causando graves prejuizos as fazendas, que administro de sua alteza o serenissimo senhor conde d'Aquila. Estas arguições por de mais miseraveis, me chamão assim a refuta-las; fazendo antes conhecer sua origem e os motivos que induzirão essas pessoas á um procedimento tão reprovado; pois que sem o respeito devido a um pai e parente, como tenho sido, não hesitão em derramar sobre mim, ja no ultimo quartel da vida o toxico fatal da mais negra calumnia e do ridiculo. E' forçoso por tanto, em semelhante conjunctura, cedendo a uma justa indignação, trazer ao conhecimento do publico o meu procedimento constante com esses que hoje tanto me aborhecão, é finalmente por isso, que de baixo da mais viva impressão do desgosto, me dirijo a esse mesmo publico, unico juiz capaz para aquilatar o conceito e merecimento de qualquer individuo, e de quem espero justiça.

« Bem quizera não ver o nome de minha filha nivelado com os desses *cyphantas*; ella como senhora entregue aos negocios domesticos, talvez não saiba do odioso que fazem verter sobre seu nome taes *indiscretos*, perdando-lhe por tanto a intervenção no papel, em que sem duvida enganada assignou, dirigir-me-hei aos dois (meu neto CLEMENTINO DE SOUSA MARTINS e.....) no que houver de dizer.

« Desde os primeiros annos de minha mocidade dediquei-me ao publico serviço. O presentimento de fidelidade e obediencia—ao governo do meu paiz, fez-me conhecer, que deveria primeiro ser disvellado na manutenção da ordem, do que no curar exclusivamente dos meus interesses particulaes. Assim obrando, muitas vezes fiz o sacrificio de minha pouca fortuna, de sorte

que em breve adquiri a confiança dos governadores mandados para esta provincia.

« Tanta dedicação tornou me creder das honras das mais importantes comissões: por cuja pontual e diligida execução habilitei-me para informar e propor nos diferentes pontos da provincia as pessoas mais aptas para a gerencia dos negocios da administração. Achando-me pois collocado nesta posição entendi que devia dar com preferencia aos meus parentes maior imparcialidade; e feliz neste empenho, *embora injusto (é forçoso confessar-o)* consegui em quasi todos os termos da provincia que fossem elles os investidos dos cargos da maior dignidade. E' então todos elles me cercavão e applaudião. Se no decurso de minha vida pois *tenho creduo foi sem duvida por este proceho*, por quanto cheguei muitas vezes dominado pelo desejo da elevação d'elles a desprezar o merito de alguns individuos, obrando assim de sorte a serem meus parentes sempre encartados nas primeiras posições. Tiveram elies os meios de se elevarem e prosperarem, e quando chegou a epocha em que mereci do governo de S. M. o Imperador ser nomeado presidente desta provincia, então mais depressa conseguirão seu engrandecimento; e pode-se dizer que a familia Martins occupara na maior parte da provincia todas as posições vantajosas.

« Reconheço hoje que foi isso um mal, pois sem a menor duvida, disso procederão em grande parte as minhas desaffeições no Piauí, e meus maiores inimigos tirarão desse procedimento odioso argumentos contra a minha administração.....

« Minha lealdade ao governo, meus serviços sempre prestados com dedicação e acerto, tiveram na balança da justiça mais peso do que os brados contra mim erguidos por meus inimigos.....

« Justificando-me por meus actos ante o nosso Augusto Monarcha como fiel servidor do estado, fui merecendo distincções e titulos—até ser nomeado Barão da Parnahyba e depois Visconde com grandeza do mesmo titulo.

« As circumstancias que acabo de referir demonstrão evidentemente o accesso que teve minha familia na escala da representação, e qual a sua prosperidade com a minha vida publica. Para se fazer uma idea mais razoavel dessas vantagens basta considerar-se que de SOLDADOS ESTAVÃO OFFICIAES, DE PEQUENOS CREADORES NESTES SERTÕES RICOS FAZENDEIROS, E HOJE ASSIM ELEVADOS REVOLTÃO-SE CONTRA SEU BEM FETTOR, ZOMBÃO E ESCARNECEM DE MIM.....

Oh! quão falliveis são os juizos do homem!... Eu que suppuz erigir, a força de beneficios no seio da minha parentela um santuario, para repouso de minha velhice enganei-me! Os meus parentes me INFAMÃO E CALUMNIÃO; eis a paga de tamanhos beneficios, e será sem duvida o epitafio que hão de lavrar sobre a campa de meu sepulchro! DORMIREI TRANQUILLO NO JASIGO, MAS A NEGRA INGRATIDÃO PERMANECERÁ NESSAS FRONTES AMALDICADAS.»

Elle continha: « Resumidamente tenho declarado o modo por que tirei meus parentes da obscuridade, e isto bastará para demonstrar evidentemente o cynismo com que me não tratado, não podendo ser tida esta

minha revelação por exagerada, sellada como está com a idade de um ancão, que em todos os tempos sempre foi muito considerado.»

Se o venerando e octagenario Visconde da Parnahyba, que por todas as considerações merecia o respeito e acatamento de seu neto o Sr. coronel Clementino, não foi poupado no ultimo quartel da vida, succumbindo por causa de um punhado de bens, que adquiriu á preço de improprio trabalho, (1) aos golpes certos que lhe soube desfechar, não é extranhavel que, depois de haver tentado contra minha existencia, venha na imprensa fazendo ostentação de seu crime, cobrir-me de doestos, de ridiculo e de calumnias.

II.

E' falso que em Picos eu tivesse tantos inimigos que já não os pudesse contar. E' certo que alguns parentes de S. S. depois d'ascensão do partido conservador ao poder, se constituirão gratuitamente meus desaffectos, e abocanbavão sem pudor a minha reputação; mas é igualmente certo que alem destes não havião outros que como taes se podessem considerar. Sendo aliás muito natural, que tivesse na minha posição de juiz, tendo de decidir de interesses que se chocavão, produzido descontentamentos. E nem ha duvida da impossibilidade de evital-os, em que se acha um juiz nestes sertões tendo de julgar.

Os poderosos da terra, os mandões de aldeia, entendem que o direito é a sua vontade, e que a obrigação do juiz é cumpri-la. Prova-o de sobejo a confissão ingenua do Sr. coronel Clementino, que querendo que eu lhe attestasse a effectividade do exercicio de seu posto de commandante superior e dos outros que occupou anteriormente na guarda nacional, a que me recensei pela minha ignorancia originaria da minha posição estranha a mesma guarda nacional, *ordenou-me* que recorresse ao seu archivo, qua diz—mandou confiar-me pelo seu respectivo secretario, afim de que me desse ao insano trabalho de percorrer a papellada infornada e desorganizada, que se chaava archivo de um commando superior do centro da provincia!

E como não obedeci, fizeram explosão as iras concentradas, e as lavas quasi me consumem.

S. S. que certamente não é o maior amigo que a verdade tem em Picos, por que se o fosse outra seria a sua linguagem, ao tempo de minha partida, ali estava e deve lembrar-se de que, não obstante a falta de cavalgadas por causa da secca assoladora, mais de 50 cavalleiros tiverão a bondade de acompanhar-me, vindo mais de 30 até o sitio do Burity de fora, pertencente a familia da minha consorte, para onde retirei-me; erão todos amigos, aos quaes ainda desta vez protesto a minha sincera gratidão.

As cartas do Sr. coronel Clementino, que publico sob letras A e B demonstrão a evidencia que as nossas relações não foram alteradas pela conversação havida em casa do major Hermogenes Ferreira de Carvalho, na noite do dia em que cheguei a Oeiras de uma viagem que fiz a capital da provincia, e a que S. S. allude.

São ellas de 3 e 10 novembro, entretanto que a conversação teve lugar de meados a fins de outubro, como S. S. confessou. Se

(1) Fictio citada a pagina 10 e 11.

porem desde esse dia conheceu que eu estava prevenido com S. S. lhe dirigindo insinuações que julgou dever repellir formalizado, como dirigiu-me as cartas referidas? De duas uma, ou não é verdade o que escreverão, e S. S. assignou na correspondencia, de que me occupo, ou procedeu de má fé, pretendendo estorquir, pela confiança da amizade, que remontava a minha infancia, uma attestação falsa para depois ferir-me desapiedadamente. No primeiro caso ha mentira; no segundo traição: S. S. escolha.

As cartas de letras C, D e E, que encerrão os testemunhos por S. S. invocados, provão ainda que não lhe dirigi insinuações insultuosas e que a nossa conversação terminou-se amistosamente.

E' verdade que manifestei admiração, quando S. S. pediu-me noticias da approvação da—sua eleição que eu desconhecia, por quanto residindo em Picos, e alli estando a 7 de setembro, sabia perfeitamente que os conservadores não concorrerão ás urnas pela consciencia da propria fraqueza, e que o Sr. Clementino—*liberal genuino*—e retirado da politica, como affirmara-me muitas vezes, não presidira a unica que se fizerão; e nem mesmo fôra a villa senão no dia 8 pela hora do meio dia, tendo passado em minha casa o tempo decorrido das 3 a 6 da tarde; regressando na manhã de 9 a sua fazenda Tabúa sem ao menos ir a Igreja assistir por momentos os trabalhos eleitoraes, que ainda tinham lugar.

A minha resposta, que forão as perguntas naturaes, que occorrerão á todos nas minhas circumstancias— V. tem eleição? onde fel-a? com quem? S. S. declarou-me confuso e atarentado que tinha com effeito assignado uma duplicata, mas que, como amigo, pedia-me o meu silencio, que de bom grado lhe prometti, cheio de piedade por tamanha fraqueza.

Não fallamos mais nisso, e S. S. retirou-se deveras ou aparentemente satisfeito.

Vê-se pois, que nem ao menos fiz censuras ao seu procedimento, aliás criminoso e condemnavel, mas que valeu lhe a impunidade do seu delicto, que ficou coberto pela toga enlameada do magistrado, que sacrificou o seu dever, os interesses da justiça, a ordem publica e a tranquillidade individual ás conveniencias politicas.

E' falso que os dois requerimentos, que lhe enviei para despachar como presidente da camara, tivessem ido na segunda occasião de que falla: remetti-os a 6 de novembro, quando respondi a carta de 3, e se assim não for autoriso-o que publique as minhas cartas.

Demorando por conseguinte seu requerimento de 6 á 12, quando lh'o devolvi, não tive em vista obter uma attestação, que S. S. se fosse menos ignorante e apaixonado, não me teria recusado. Mas S. S. persuadiu-se de que negando-a, privava-me do recebimento dos meus ordenados, que apesar de minguidos, lhe fazião agua vir a bocca por não poder recolhel-os a sua bolsa; ignorava que o caso era previsto, que o juiz de direito m'a podia dar como de facto deu, suprimindo completamente a sua ante a thesauraria geral de fazenda.

Os requerimentos, foram com effeito com os despachos já lavrados pelo secretario da camaras, mas pelas seguintes rasões.

Primeira: por que suppondo as nossas relações não interrompidas, entendi para maior brevidade, não haver inconveniente de enviar-os prompts, faltando somente a assignatura de S. S. presidente da camara, que residia em sua fazenda Tabúa, cerca de 9 leguas da villa, e para onde nem sempre havião oportunidades.

Segundo: por que sabendo que S. S. assumira a presidencia da camara, algum tempo depois que eu entrara no goso de licença partira para a Theresina, devia ignorar o meu exercicio, e o dia em que começara a interrupção pelo que seria forçado recorrer ao respectivo secretario para informar-lhe a vista de minha communicação.

Terceiro finalmente: porque conhecendo a sua ineptia, que subia ao ponto de pensar poder conceder a passagem de um capitão da guarda nacional de seu commando super-

rior para o de outro municipio (2) reciei que inutilisasse os meus requerimentos, lavrando de propria letra os despachos, que devião ser escriptos pelo secretario.

Neste ultimo caso não falharam as minhas previsões, por que alem de existirem os requerimentos com esses despachos celebrerimos, accresce que S. S. não negou.

O publico que os coteje com a certidão da letra H, indo eiles sob letra F e G, convidando notar, que para prova de minha licença bastaria a portaria que m'a concedeu e as respostas de communicações que fiz, quando entrei no goso della.

Onde está pois a verdade, na palavra simples do Sr. coronel Clementino, que se ha constituido o meu mais figadal e rancoreso inimigo, ou nos documentos que apresento?

Respondam os homens de criterio e bom senso.

Sinto profundamente que os passeios de minha mulher a casa de sua familia tanto o incommodem, e sobe de ponto o meu pesar, quando vejo-me impossibilitado de não poder allivial-o.

E' falso, ainda que o Sr. coronel Clementino houvesse mandado dizer-me pelo Sr. alferes Querino José Ferreira, que agradecia a minha visita, menos para evitar a minha presença incommoda, do que para que eu fosse pessoalmente.

A carta do Sr. alferes Ferreira, seu secretario geral do commando superior, e ja publicada, é a formal negativa desta sua affirmação.

Ora, em face de tantas falsidades, como crer-se que eu lhe dissesse em tempo algum, que só gostava de brigas com pessoas que me dessem importancia, taes como os Srs. coronel Antonio Leoncio Pereira Ferraz, e tenentes coroneis Manoel Ignacio de Araujo Costa, e João Baptista Pereira Ferraz?

O desmentido solemne que lhe opponho, é o testemunho que invoco desses cavalheiros.

Nunca briguei com pessoa alguma, e nem sou tão nescio que pretendesse assentar minha grandeza e importancia sobre bases tão omiosas e tristes.

Um louco, um malvado, pode ser nobre e titular, mas a verdadeira grandeza, Sr. coronel, é a que cada um adquire pelas suas ações e não são estas as brigas de regateiras, os actos dos *salteadores, assassinos e amaldiçoados*.

Com o Sr. coronel Ferraz tive uma discussão calorosa na assembléa provincial por occasião de discutir-se um projecto, por cuja conversão em lei S. S. interessava-se; mas mantivemo-nos em um terreno conveniente ao recinto da representação provincial e a homens educados que se presão. Com os Srs. tenentes-coroneis Baptista Ferraz e Araujo Costa, nunca tive discussão de natureza alguma: elles que me desmintão.

S. S., ou quem lhe escreveu o artigo que assignou, sonhou e deu á luz como realidade esse monstruoso parto de cerebro escandecido e visionario.

Não ha quem acredite, por mais que affirme S. S., que eu tivesse tido a sensaboria de dizer-lhe— « que tinha o couro grosso, e uma lingua de não sei quantos palmos, para não receber-me de quem quer que parecesse bem maltratar. »

E' uma imputação calumniosa, vil, abjecta e indigna do mais depravado miseravel de prostibulo.

São qualidades' que só lhe são peculiares, e que felizmente são bem conhecidas: contrariem-me as familias, que tem tido a infelicidade de conhecelo, e cahirem no seu desagrado.

E' certo que sei com a palavra e de maneira condigna, desaggravar a minha dignidade offendida, mas tambem não é menos certo que sei conter-me, e respeitar a honra das familias, o merito e a virtude.

O Sr. coronel Clementino, que já me detestava, como declara, e que repellira a minha visita por interposta pessoa, não devia convidar-me para o interior de sua casa, e dar-me a sua fementida mão de amigo,

(2) Carta de S. S. a mim dirigida em 21 de julho de 1868, acerca da passagem do capitão Cícero Augusto Portella Ferreira.

Neste caso cumpria-lhe, repellir-me de sua porta; era um insulto grosseiro, mas teria tido a vantagem de prevenir o delicto. No entretanto não fê-lo, e por que?

Por que era preciso consumir-se a obra da iniquidade e da traição:—era preciso que eu fosse assassinado para que seus adversarios não podessem exuberantemente provar a sua fraude; era preciso que eu entrasse e fosse levado a lugar onde sem provas, pudesse ser o crime perpetrado, e infamada minha memoria.

O direito de defesa o justificaria, ena impunidade S. S. savoreria o fructo delle; minha morte tirava-lhe a contradicta, e suas inverdades assumirão um caracter verosimel.

Deos, que é justo,—não quiz que o triumpho fosse completo; conservou-me a vida para que a verdade podesse apparecer á toda luz, e o criminoso escapando a espada da lei, não fugisse ao estigma da opinião publica.

E' igualmente falso que o Sr. coronel Clementino me houvesse tocado no rosto, e eu houvesse cahido; prova-o alem da inconsciencia do que fez—a intenção hoje conhecida de assassinar-me, e não de desfeitear-me (3)

E na verdade, se S. S. não podesse conservar a impassibilidade e sangue frio que a lei impõe a todo cidadão de modo a exceder-se, praticando um crime atroz, se não se recorda do que se passou, como é que affirmo tanto *quixotada* que praticou sua figura gigante?

Ora, o Sr. coronel de nada se recorda, por que perdeu a impassibilidade e sangue frio que a lei impõe a todo o cidadão de modo a exceder-se,—ora detudo se recorda e historia á seu gosto e phantazia!

Não pode haver mais palmar contradicção e nem maior falta de criterio e bom senso.

Passemos adiante.

Que dei voz de prisão em flagrante delicto ao Sr. coronel Clementino já o provei no meu escripto publicado na « Imprensa » n.º 178 e provo ainda com o testemunho que invoco do Sr. capitão Jeremias José da Silva e Mello, que chegou no momento em que a pronunciava, sendo falso que houvesse dirigido uma só palavra a quem quer que fosse, depois que me retirei da sala aonde se deu o crime.

S. S. decididamente ou, faz timbre de não dizer a verdade em uma só palavra de sua correspondencia,—ou confiou demaziado em quem a escreveu, que ainda uma vez quiz perdê-lo, para desferrar-se talvez—de alguma offensa particular—expondo-o a execração publica.

E' falso ainda que eu estivesse armado de um punhal aparelhado de prata: provo com o documento sobre letra I, e com o testemunho dos vereadores, que encontrei reunidos em minha casa, e que me virão inermes, feridos e ensanguentados. E se o tivesse, sem aspirar as honras de valentão, cujos fôros tão ardentemente S. S. almeja, não só não teria sido tão cobardemente acomettido por S. S., que ferrabraz como é, já correu a bom correr de Oeiras a Cana Vieira, (aonde mandou chamar o fallecido coronel Elias de Souza Martins) por não estar cercado dos seus famulos, e dos seus parentes e amigos intimos, e meus inimigos, com medo de um homem reconhecidamente incapaz de mandar matar a uma pomba, e aquem S. S. offendera tão cruelmente; como no caso de sel-o, teria sabido desaggravar-me.

E' finalmente falso, que o officio, que dirigi ao delegado de policia, á cuja disposição estava a força publica, afim de fazer recolhel-lo á prisão, visto que, o prendera

(3) E nem é lieto duvidar-se em vista do que tem demonstrado os factos e dos precedentes do Sr. coronel Clementino. No folheto citado a pag. 7 encontrão-se ainda estas palavras:— « Estas desinvolturas occasionadas pelo ressentimento de meu neto e de... por haver eu deixado de inventariar e partilhar os bens do meu casal, embora as graves complicações em que me achava e erão patentes, derão lugar a mil diatribes com que constantemente sou victimado, e a verdadeiros desejos de vingança, que terião sido realisados se por ventura os não esbarraresse a mão onnipotente de Deos!... » E mais abaixo — « Eis o que deu lugar a meu neto tornar-se meu inimigo capital, e TER TENTADO CONTRA MINHA EXISTENCIA! »

em flagrante delicto, fosse o Firmino de Souza Martins. ; nel Clementino não estivesse divorciado da verdade, de eu teria consentido nessas linhas a to, pois devo saber e sabe-o pe que o fiz quando ainda estava casa.

S. S. declara que não quer seu acto, que reconhece ter sido o que pretende explica-lo para arre o odio, que a Imprensa tem pro lançar-lhe. E para fazelo chafardou-mais no lodaçal, em que o lançou a ção de seu avô—: faltou a verdade e nismo, deturpou, calunioiu, e injur pudor no fatal esquecimento de qu assim que nos espiritos cultos se der convicção da verdade.

O castigo divino é infallivel, e não delle escapar, quem o tem merecido coronel Clementino caminha fatal perda impellido pela mão da l E nem podia deixar de ser assir os bons não descreião da Divina escreve direito por linhas tortas.

III

Antes de ir ao final da correspondencia de S. S., por que passarei pela parte que trata do movimento do fóro dos Picos, e do Sr. major, Manoel Pereira de Araujo, que bem mereceu pela sua tergiversação as palavras delicadas, que lhe são consagradas, cumpre firmar que não concorri de modo algum para a perpetração do crime de que fui victima.

Que não havia de minha parte para com S. S. a menor prevenção até o momento em que fui ferido, provão ainda essas palavras do Sr. capitão João da Rocha Walle, de quem era S. S. amigo e hospede, na carta que me dirigio em 21 de novembro, 4 dias depois do crime.— « Não me costista que entre V. S. e o coronel Clementino houvesse motivo pelo qual se podesse esperar rompimento; pelo contrario sei que sempre mantiverão boas relações de amizade.

« Pode V. S. fazer o uso que quizer desta minha resposta. »

Que nesse tempo eu desconhecia os despachos que S. S. lavrara nos meus requerimentos, que só me forão entregues pelo Sr. alferes Ferreira em 19 do mesmo mez de novembro, prova o documento sob letra J:

Que nossa conversação, foi simples, curta banal e trivial é intuitivo—por que a denegação que lhe fizera da attestação da effectividade do exercicio de seus postos na guarda nacional, (pois fora a questão, S. S. o diz) não podia motivar, discussão, que o privasse de conservar— « a impassibilidade e sangue frio que a lei impõe a todo cidadão— » salvo se S. S. me dirigisse por essa recusa qualquer insulto, que eu devesse repellir, e neste caso era ainda o Sr. coronel o provocador.

Assim, como fui eu o provocante?

Por amor da verdade convem entretanto dizer que S. S. não insultou-me: quando accommetteu-me foi rapido e ferosamente, descarregando-me na cabeça bordoadas terribes com o cacete (pois a bengala que confessa ter na mão era um formidavel cacete) de que previamente armara-se.

Onde pois a coragem do aggressor e a pusilanimidade do offendido?

Certamente que não está para aquelle na ferocidade e cobardia do ataque, e para este na impossibilidade absoluta da defeza.

Resulta, por tanto, que não só não houve coragem, e sim perfida e cobarde traição no intuito de assassinar-me; como não foi á isso por mim provocado.

E nem haverá quem acredite que eu o fosse provocar em sua casa, aonde estava cercado de seus parentes e amigos intimos, e meus inimigos e detractores, e de seus famulos.

E' mais um escarneo, que S. S. entendeu dever atirar a faço do publico, que o julga.

O homem, com cuja existencia perversamente S. S. tentou acabar em 17 de novembro, e do qual hoje escarnece e zomba, não é menos conhecido dos dignos redactores da Imprensa do que S. S.: ella se tem

o imperio do punhal vai ameaçando com passos firmes e agigantados a tudo e a todos!

O sicario, gemendo sob a pressão de um bem merecida maldição; o sicario graduado que, em pleno dia salpica com o sangue innocente de sua inermes victima, que por amizade o procurou para visital-o no asylo sagrado e inviolavel de sua casa, anda impavidamente rodeado da força armada do governo, nas ruas d'aquella villa, nas publicas reuniões ostentando o mais incrível cynismo nos banquetes da bajulação de seus comparsas!

A policia da actualidade, confiada á pessoas completamente ignorantes, e que por isso, querem tudo vencer pela força bruta de suas falanges faz causa commum com o sicario agalado, que em pleno dia ousou tentar contra a vida do extremoso pai de familia, do excellente e prestimoso amigo, do cidadão sem macula, do funcionario publico, que honra a illustrada classe á que pertence, e que finalmente é uma das glorias d'esta pobre e maldada provincia!

Quem é porem, este sicario audaz? Quem é esta victima innocente immolada no altar da amizade?

É o coronel Clementino de Souza Martins. É o Dr. Lourenço Valente de Figueiredo.

Os habitantes d'aquella villa, esse termo, lamentão com pungente dôr, a scena do mais requintado canibalismo, da traição a mais negra, da infamia em fim, com que no dia 17 de novembro, fôra o Dr. Valente de Figueiredo victima do coronel Clementino de Souza Martins, commandante superior da guarda nacional d'aquella e do municipio de Jaicóz presidente da camara municipal, e 1.º Juiz de paz da freguezia de Picos, que o espancou gravemente sem a menor razão que o justifique perante a opinião publica.

O coronel Clementino, encarregado de cavar a sepultura, e de fazer a ella baixar seu avô o octagenario visconde da Parnahyba, pela sêde e cobiça do ouro desempenhou este papel com tanta pericia, que os habitantes da velha cidade de Oeiras, indignados,—não cessavão de pedir sobre elle toda sorte de maldições.

Enfurecido por aquella generosa população, que quotidianamente reprovava seus desmandos, o coronel Clementino, esfaimado e quasi cego errante, proseguia com mais afino na marcha desencadeada da cobiça do yicio, e do crime. Neste andar desenfreado teceu cuidadosamente uma corôa de ignominia, que collocou na cabeça de seu venerando e respeitavel avô, que succumbiu aos golpes certos de sua mão parrecida, e nestas tristes, e bem tristes circunstancias o visconde da Parnahyba luctando com a morte, o amaldiçoou!

O coronel Clementino, sem pasto a seu genio voraz e strabilario, procura com diligencia inaudita uma outra victima em substituição a aquella. E com effeito, os habitantes da velha Oeiras, ainda se recordão, por que forão testemunhas oculares, dos indescriptiveis e amargos desgostos que soffrerão as Exm.ªs familias do capitão Manoel Ignaciô de Souza Martins, e major João Evangelista Barbosa de Carvalho, cunhados do coronel Clementino, o ultimo a pouco fallecido em aquella cidade ainda amaldiçoando-o!

A virtuosa e sectagenaria viscondessa da Parnahyba, Senr.ª respeitavel por muitos titulos, foi a primeira victima de seu alvo, e as não menos respeitaveis Snr.ªs de seus já mencionados cunhados, suas tenras e innocentes filhinhas, as tambem respeitaveis senhoras do capitão Raimundo Antonio Barbosa de Carvalho, e tenente Francisco Barbosa Dantas, forão em seguida chafurdadas no lamaçal podre da difamação, que formou a baba pestilenta do renegado! E estas victimas, com fé robusta implorarão a indignação dos céos contra o algóz parrecida, o amaldiçoado do povo, o sicario da honra, da vida, e do bem estar, e, resignadas traçarão as fezes do calix da amargura, que lhes apresentou o coronel Clementino, que proseguio, caminhou e caminhou errante, em busca de outras victimas para sua perversidade!...

O Dr. Canuto José da Silva e Lobo, pai excellente, notavel advogado não ficou isento das calumnias e ameaças do coronel

Clementino, pelo unico facto de ser amigo do visconde da Parnahyba e tomar parte mais ou menos activa em seus desgostos: bem aconselhado pela resignação,—esta filha do céo,—o amaldiçoou.

O escravo Francisco perna, além de sua triste condição, soffreu o rigor da ferocidade do coronel Clementino, succumbindo pouco depois de passar pela castração, que de ordem sua lhe foi executada; e implorando a justiça dos céos tambem por sua vez o amaldiçoou.

Seu tio o respeitavel vigario conego João de Souza Martins, passou por decepções—eracis: o coronel Clementino fazia chegar de dias em dias á secretaria da camara Episcopal, denuncias contra aquelle seu venerando parente, denuncias concebidas em termos virulentos e asquerosos, e que só continhão de verdadeiro o nome do assignatario; mas, elle com paciencia evangelica, e o perdão nos labios, levantando as mãos aos céos, tambem o amaldiçoou.

E o coronel Clementino, proseguio, caminhou e caminhou errante em busca de outras victimas para sua perversidade!...

O coronel José Ferreira de Carvalho, cidadão importante, honrado, excellente pai de numerosa familia, foi assaltado pelos botes venenosos de seu parente o coronel Clementino, que não cessava nas publicas reuniões de cobril-o de baldões infamantes: como os outros, resignou-se, mas amaldiçoou-o.

O tenente coronel Arcenio Lopes dos Santos, tio do coronel Clementino, por mais de uma vez, foi, e ainda o será,—a despeito de ligado hoje por apparentes afeições,—victima de sua maledicencia, e ninguém se atreverá a negar sem corar as injurias e doestos que contra elle vomitava: resignado contentou-se o tenente coronel Arcenio com amaldiçoal-o.

O Dr. Simplicio de Sousa Mendes, tenentes coroneis Raimundo José de Carvalho e Sousa, e Mancel Antonio de Carvalho, coronel Theotônio de Souza Mendes, majores Odorico Brasilino de Albuquerque Rosa e Ludgero de Moraes Rogo, capitães João da Rocha Valle, José da Silva e Meilo, e Esequiel Raimundo de Sousa Britto, não forão esquecidos na carreira desenfreada de destruição e aniquilamento do coronel Clementino, visto que atirava-lhes os labeos de envenenador de balla, assassinos, ladrões, ladrão de queijos, traficantes, e falsificadores de firmas: e todos,—presentemente congrassados por milagres da politica, o amaldiçoarão.

E o coronel Clementino, proseguio, caminhou e caminhou errante em busca de novas victimas para sua perversidade!...

O coronel Benedicto Ferreira de Carvalho, homem austero, cidadão respeitado a toda prova, não escapou aos botes e desmandos de seu cunhado, e quasi filho de criação—o coronel Clementino: os segredos intimos de familia erão mercadejados por postos da guarda nacional, e seu cunhado, resignado, com estas inqualificaveis traições, tambem o amaldiçoou.

A respeitavel sectagenaria D. Maria Josefa Clementina de Sousa, digna do maior acatamento de seu filho o coronel Clementino, não ficou isenta da ferocidade do filho parrecida, do algóz dos algózes, visto que no ultimo quartel da vida (oh! ingratição das ingratições!...) foi victima do mais revoltante abuso de confiança do coronel Clementino—que, na qualidade de seu procurador, depois de sacrificall-a, subtrahio-lhe papeis importantes e reservados e pôl-os na arena publica: e, com quanto estejam harmonizados, por sua vez tambem o amaldiçoou!

O major Manoel Clementino de Souza Martins, capitão José Clementino de Souza Martins, accrabrnhados pelas picardias de seu irmão o coronel Clementino, gemerão sob seus insultos: e, com quanto hoje fraternalizados, cada um de persi, por sua vez, o havia amaldiçoado.

E o coronel Clementino, proseguio, caminhou e caminhou errante em busca de novas victimas para sua perversidade!...

O coronel Candido de Souza Martins, ancião respeitavel supportou as diatribes de

seu sobrinho o coronel Clementino, e o corpo eleitoral da Villa dos Picos vio com indignação, a maneira brusca e de ribeira com que o tratou seo sobrinho oppondo-se a que o commendador Fialho, casado com uma sua prima e protegido d'aquelle coronel, tivesse alli votação: um olhar de compaixão sobre o sobrinho maldito foi a vingança do ancião, que tambem por sua vez o amaldiçoou.

O capitão Antonio José Vidal de Negreiros, militar brioso, foi ferido em sua reputação de homem privado pelo destro punhal envenenado do coronel Clementino: a sua altivez o aconselhou á despresal-o e amaldiçoal-o.

Os herdeiros da fallecida Ponciana, forão na orphandade redusidos a miseria pela trafancia fraudulenta do coronel Clementino, que se constituiu ficticiamente credor de Simão da Rocha, para desfalcar a herança d'esses infelizes: o capitão Antonio Lopes de Castello Branco e Silva, e o professor João José Pinheiro, tratarão deste negocio na qualidade de advogados, e por isso soffrerão, além de muitas injurias e descomposturas pessoas, um processo de que sahirão triumphantes; e elles, unidos aos referidos herdeiros pobres, fracos, e opprimidos, tambem por sua vez, o amaldiçoarão.

E o coronel Clementino, proseguio, caminhou e caminhou errante em busca de novas victimas para sua perversidade!...

Bernardino de Moura Fê, homem honrado, posto que ignorante, foi sacrificado pelo coronel Clementino, que, exigindo e obtendo d'elle sentenças, na qualidade de juiz municipal supplente, em favor de um seu protegido, sacrificou-o de tal modo que o pobre homem luctou cinco annos, com grande despendios para livrar-se do processo em que foi involvido pela sua boa fé e criminosa condescendencia com o poderoso, que o abandonou completamente logo que o vio em trabalhos; descompondo-o até, para livrar-se de uma vez de incommodos e despesas: elle, soffrendo e exhalando suspiros, o amaldiçoou.

O negociante Tiberio Cesar Burlamaque, não prestante, amigo de o, pa excelente, e que prodigalisou favores e obsequios ao coronel Clementino,—seu amigo,—não obstante fallecido, são suas cinzas revolvidas pelo soppro da maledicencia do homem ingrato: sua Exm.ª familia, digna por mais de um titulo de acatamento e respeito, tem sido tam bem chafurdada no podre lamaçal da difamação pelo homem vergonha da humanidade: ella tem—nô amaldiçoado.

O fallecido tenente coronel Ricardo de Souza Martins, primo do coronel Clementino, e sua respeitavel consorte, sentirão no fundo d'alma as dores agudas das chagas abertas em suas reputações pela baba mortifera do diffamador: ambos curarão-se com o balsamo da resignação, e o amaldiçoarão.

E o coronel Clementino, proseguio, caminhou e caminhou errante em busca de novas victimas para sua perversidade!...

O Dr. Firmino de Sousa Martins, e suas virtuosas mulher e cunhada, são feridos no que ha de mais sagrado na familia, por seu primo o maldisente coronel Clementino; e todos desta illustre familia esperão cobrir-se de lucto á cada momento, se o plano concebido de assassinato na pessoa do mesmo Dr. não for abortado por qual quer circumstancia independente da vontade do homem tigre: e com a fé do christão que do Céu espera a justiça, que não encontra na terra, o tem amaldiçoado.

—O coronel Justino José da Silva Moura, ancião estimavel, no ultimo quartel da vida, tem passado por grandes dissabores em rasão dos maus tractos, que seu genro o coronel Clementino tem dado a sua filha, senhora distincta e que com elle vive resignada: elle tambem por sua vez o tem amaldiçoado.

O tenente coronel Jesuino Luiz da Silva Moura, cidadão pacifico, honrado e prestimoso, credor das sympathias e gratidão publica, é atrosmente calumniado por seu cunhado o coronel Clementino; e só Deos sabe como tem supportado as grosseiras expressões, que diariamente lhe são lançadas pelo homem sem pudor: elle tambem resignado, por sua vez o amaldiçoou.

—E o coronel Clementino, proseguio, caminhou e caminhou errante em busca de novas victimas para sua perversidade!...

O coronel Elias de Souza Martins, tio do coronel Clementino, seu protector, amigo dedicado, cidadão respeitavel por suas excellentes virtudes, com quanto fallecido, não deixou de ser (quem o diria!...) suas venerandas cinzas revolvidas pela maldade de seu sobrinho, quando agora pretende justificar-se perante seus novos aliados de muitos actos seus, e somente seus: lá da mansão dos justos, do imperio celeste, lhe lançará um olhar de indignação, e tambem por sua vez o amaldiçoará.

O tenente-coronel Lourenço Pinheiro da Conceição, o capitão Manoel Querino Rebouças, e os tenentes Martinho Borges Gonçalves, Manoel de Oliveira Lopes, e José do Rêgo Barros, todos homens probos cidadãos prestantes,—e amigos do coronel Clementino,—teem ultimamente soffrido sem motivo algum repetidos insultos dirigidos por essa meretriz de chapeo armado e dragonas, que supõe-se com direito para isso e que todos teem o dever correlativo de receber resignados, mudos e quêdos as suas diatribes, pelo que ameaça logo com oito dias de prisão aquelle, que balbuciar uma palavra em defeza de imputações infundadas, imaginarias e irrisorias: e todos elles o teem amaldiçoado.

O Dr. Lourenço Valente de Figueiredo, intimo amigo do coronel Clementino, aquent prodigalisava toda especie de favores e obsequios, vai visital-o e é recebido brusca e cruelmente com pancadas, á cujos golpes succumbiria, se não fosse sua calma e sangue frio, e se não viessem em seu socorro varios individuos; e mesmo assim acha-se prostrado pelos graves ferimentos que recebeu: Deos lhe dê força e resignação para soffrer o peso de tão grande, quão cynica aggressão: elle com sua inconsolavel e numerosa familia, tam bem o tem amaldiçoando.

E o coronel Clementino, proseguie caminha e caminha errante em busca de novas victimas para sua perversidade!...

Daniel Pereira da Silva, filho natural do coronel Clementino, vio a luz do dia debaixo da triste condição de escravo, na qual teria permanecido eternamente, se um parente charidoso o não tirasse d'ella, por que seu desnaturado pai só o quiz,—só olhou para elle,—depois que o vio livre, sem despendir um real e quando já estava em condições de prestar-lhe alguns servicos como de facto os ha prestado.

Consta que mais alguns filhos tem tido em escravos e que são inteiramente abandonados e desconhecidos para não despendem um ceutil com a manumissão d'elles: e, entre outros, um de nome Estanislaô (causa involuntaria e innocente do fallecimento de sua primeira mulher) cuja phisionomia, gestos e falla « tirão a mão da culpa » e attestão a avareza e crueldade do pai, que o deixa jazer na escravidão de um dos seus maiores inimigos!!

Mau pai, ruim filho, amigo ingrato e fementido, e pessimo cidadão,—eis o que é o coronel Clementino de Souza Martins.

Sua biographia, como politico,—que ainda talvez seja lida em um trabalho mais minucioso e completo,—não é menos negra e immunda.

Até onde, oh! homem cruel, queres ir?! Por que não arrepias carreira?!

Já não tens saciado a sêde que te devora?!

Não tens já consumado em aquelles mesmos, que te derão o ser a obra de tua requintada perversidade?!

Por que, oh! tigre humano, por que não esbarras?!

E' por que uma voz rouca e medonha sempre te diz: Clementino, proseguie... caminha... e caminha... até precipitar-te no abysmo profundo e insondavel, e fica certo que alli te apparecerei para esconder-te lá bem longe do povo... lá bem no fundo...
Theresina.—Impresso—por A. J. do Amaral Sobreira.

Polisario José da Silva e Lobo...
Gabriel de Sousa Pações.